

PROFESSORAS EM DEPRESSÃO: um estudo com professoras do Ensino Fundamental I de Ubá/MG

SILVA, Taynara Hilário do Nascimento ¹
MEIRELES, Gabriela Silveira ²

RESUMO

O presente trabalho trata da depressão em docentes, e como isso vem afetando alunos e professoras na relação ensino aprendizagem. O objetivo foi entender quais são os principais fatores desencadeadores da depressão em professoras do Ensino Fundamental I e de que maneira isso influencia nas relações de ensino aprendizagem. A abordagem teórica adotada utilizou teorias nas áreas da saúde e da educação para analisar: a depressão em professoras, os principais malefícios de depressão na prática docente, e os possíveis impactos da depressão das professoras na aprendizagem dos alunos. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, com auxílio da pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, empregando como instrumento de investigação a entrevista semiestruturada e como instrumento de análise a teoria da Análise do Discurso. Os resultados evidenciaram um esgotamento das docentes. Concluiu-se que os principais motivos de elas desenvolverem a depressão no ambiente escolar são a não valorização, as cobranças excessivas a falta de estrutura familiar, a sobrecarga de funções, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele, o ambiente exaustivo da sala de aula, juntamente com fatores físicos e psíquicos. Nota-se também que a troca constante de professoras afeta o emocional e a aprendizagem dos alunos, deixando-os

1 Graduanda em Pedagogia - UNIFAGOC. taynarahilariost@gmail.com

2 Professora Adjunta - UNIFAGOC. gabrielasilveirameireles@gmail.com



impactados por essa situação, assim como algumas vezes essas relações se fortalecem por entenderem o que a professora está passando.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão. Docência. Ensino Fundamental I.

INTRODUÇÃO

A OMS (Organização Mundial de Saúde) interpreta a depressão como um transtorno mental frequente, identificado por tristeza, perda de interesse, inexistência de prazer, vulnerabilidade entre sentimento de culpa e baixa autoestima, conturbação do sono ou do apetite, além de sensação de cansaço e falta de concentração. Esse mal, que afeta 6% num total de 11,5 milhões da população, em 2020, será a doença mais incapacitante do mundo (OMS, 2018).

Conforme demonstram Lima e Leite (2017), o grau de inaptidão devido aos transtornos depressivos é maior do que em diferentes doenças crônicas, como: hipertensão, diabetes, artrite reumatoide e dor lombar. Com isso, é possível deduzir que a depressão em professoras na atualidade é um aspecto evidente.

De acordo com Tostes (2018), o docente em ofício enfrenta grandes desafios e assume inúmeras responsabilidades, colaborando para a categoria de profissionais mais submetida a apresentar sofrimento psíquico. Considerando que os problemas escolares são hoje muito mais

diversos do que aqueles vividos há cerca de 30 anos e que, nos dias atuais, muitas professoras sofrem bullying de seus próprios alunos, são ameaçadas e até mesmo agredidas por eles, tal realidade torna-se facilmente produtora e potencializadora da depressão em professoras. Trataremos mais especificamente aqui da depressão em docentes que lecionam no primeiro segmento do Ensino Fundamental, ou seja, com crianças pequenas.

Sabemos que a depressão em professoras interfere muito na prática pedagógica. Um dos aspectos é o rendimento da própria professora em sala de aula, que passa a estar afetada por sua condição de saúde. Outro aspecto é que os alunos têm a expectativa de estar com essa professora o ano todo, mas a depressão docente a faz interromper esse período por meio de atestados médicos e licenças de saúde constantes. Acrescenta-se a isso o fato de que “o ambiente de trabalho do professor é penoso e desgastante e repleto de fatores estressantes. O professor está em contato direto com riscos ergonômicos, físicos e biológicos, além de outros fatores provenientes do trabalho como salários baixos, acúmulo de tarefas” (VASCONCELOS, 2014, p. 29).

Diante disso, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é entender os principais motivos de as docentes de Ensino Fundamental I desenvolverem a depressão no ambiente escolar, bem como perceber os principais impactos da depressão na prática das docentes acometidas por essa doença, além dos reflexos disso na aprendizagem dos alunos envolvidos com essas professoras.

Desse modo, a questão que norteia esta investigação é: quais são os principais fatores desencadeadores da depressão em professoras do Ensino Fundamental I e de que maneira ela influencia nas relações de ensino aprendizagem? Na busca por essa compreensão, analisaremos suas principais características, incidência, principais malefícios na prática docente e impactos na aprendizagem dos alunos envolvidos com essas professoras acometidas pela depressão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Principais características da depressão

Conforme nos mostram Souza e Lacerda (s.d, p. 1), o termo "depressão" é parcialmente novo na história, “tendo sido usado pela primeira vez em 1680, para designar um estado de desânimo ou perda de interesse”. Em 1750, Samuel Johnson incorporou o termo ao dicionário. O desenvolvimento do conceito de depressão emergiu com o declínio das crenças mágicas e supersticiosas que fundamentavam o entendimento dos transtornos mentais que existiam até então. Sendo assim, o modo como a concebemos na atualidade surgiu no século XVII, quando passou a ser entendida como “uma intensa alteração de humor, sobretudo ligada a um estado denominado como melancolia” (SOUZA; LACERDA, s.d., p. 1).

Assim, a depressão enquanto um transtorno mental foi surgindo em todo o mundo. Calcula-se que mais de 300 milhões de pessoas, abrangendo todas as idades, sofrem com essa doença, sendo ela a principal causa de afastamento por saúde em todo o mundo. A pessoa que é afetada por esse transtorno experimenta um grande sofrimento, além de um funcionamento no local de trabalho e em seu meio familiar (OPAS BRASIL, 2018).

No Brasil, em 2016, 75 mil pessoas foram afastadas do trabalho em função da depressão, uma doença que remete a vários fatores, entre eles fatores genéticos e ambientais, a falta de motivação e energia para realizar as tarefas do dia a dia, tendo como sua principal característica a tristeza profunda (GUARDABASSI, 2018). No município de Ubá/MG não há ainda um levantamento formal desses afastamentos. Foi feito um contato com a Secretaria Municipal de Educação e não souberam informar esse dado. Para ajudar nesse cenário, a ONU (Organização das Nações Unidas), no dia sete de abril de 2017, decidiu fazer uma campanha intitulada “Depressão: vamos conversar”, para estimular os pacientes a receberem o devido atendimento,

também ajudando os pacientes a tomarem a iniciativa de buscar ajuda, uma vez que já se constatou que, mesmo em países de alta renda, praticamente 50% dos cidadãos com depressão não buscam tratamento. Em média, apenas 3% dos orçamentos para saúde dos governos são para a saúde mental, com variação de menos de 1% em países de baixa renda a 5% em nações desenvolvidas (ONU, 2017).

A depressão em professoras

De acordo com Tostes et al. (2018, p. 90), o sofrimento das professoras é manifestado por vários sinais no corpo e na mente, como estresse, ansiedade, depressão e fadiga, o que pode ser definido pelo termo “mal-estar docente”. O mal-estar docente chega de forma silenciosa, com os pequenos afazeres do dia a dia que vão se acumulando, dificultando assim o prazer de exercer as atividades que lhe são atribuídas, levando ao esgotamento mental e físico, o que pode influenciar no desejo de dar aula. (DWORAK; CAMARGO, 2017).

Os constantes registros de sofrimento em professoras relacionados às suas atribuições profissionais tornavam-se cada vez mais frequentes em países como a França, a Inglaterra e a Alemanha na década de 1970.

Hoje, a depressão em professoras já pode ser considerada um fenômeno global. Alguns autores, como Cândido e Souza (2016), já haviam definido esse estado de cansaço extremo ou estresse profundo em decorrência do trabalho como “Síndrome de Burnout”. Segundo eles, esse termo deveria ser utilizado para caracterizar “uma pessoa que chegou ao seu limite e sente-se esgotada”. No entanto, há algo que desvincula essa Síndrome da depressão, do estresse rotineiro ou da ansiedade. Para ser considerada “Síndrome de Burnout”, toda esta “estafa” física, mental e emocional tem de estar, necessariamente, ligada ao trabalho (CÂNDIDO; SOUZA, 2016).

A depressão, em contrapartida, está relacionada à “redução da produção e práxis no trabalho, diminuindo a colaboração que a pessoa

que possui os sintomas seria capaz de dar à sociedade, provocando uma conturbação na vida do indivíduo, além de uma diminuição da sua saúde intelectual e social” (BATISTA; CARLOTTO; MOREIRA citados por SCANDOLARA et al., 2015, p. 32). Tudo isso faz com que as capacidades físicas, cognitivas e afetivas desses indivíduos fiquem reduzidas e que eles sintam sobre si um “sobre-esforço ou uma alta expectativa em torno de suas incumbências” (GASPARINE; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005), o que acaba por produzir ainda mais sofrimento biopsicossocial nesse indivíduo.

Segundo Batista et al. (2013), a depressão em docentes é responsável por aproximadamente metade da fundamentação dos afastamentos do trabalho em professoras do Ensino Fundamental, principalmente em docentes com mais de 40 anos de idade. Essa informação se confirma entre as entrevistadas que apresentam idade entre 40 e 50 anos de idade.

Oliveira (2014) aponta que um dos principais motivos para afastamentos e adoecimentos dessas docentes refere-se à perda da autoridade em sala de aula, à desmotivação com a docência e ao desejo de abandono de suas ocupações profissionais. Muito disso se deve ao fato de os pais estarem repassando para as professoras, na atualidade, suas funções de educar os filhos para a vida, não lhes ensinando valores e modos de vida, deixando para as professoras uma sobrecarga de funções.

Principais malefícios da depressão na prática docente

As professoras assumem hoje em seu ambiente de trabalho, assim como em ambientes extraclasse uma elevada sobrecarga de trabalho. São inúmeras as tarefas que lhes são atribuídas no espaço da sala de aula (planejamento de aula, acompanhamento dos alunos, planejamento de tarefas diárias, preparação e correção de avaliações individuais e em grupo), nos espaços coletivos de reuniões pedagógicas (onde são cobrados o preenchimento de novas planilhas,

relatórios de acompanhamento, fichas individuais dos alunos, fichas de auto avaliação do trabalho do próprio professor) e ainda em espaços de formação complementar (em cursos de extensão, nas Universidades e Faculdades ou Centros de Formação do Professor). Na maior parte das vezes, o modo como os gestores cobram essas tarefas é que gera esse esgotamento. Tudo isso produz um nível de exigência que “expressa uma realidade de esgotamento físico na atuação dos professores” (GONTIJO et al., 2013, p. 89).

Essa diversidade de funções, associadas às tarefas docentes habituais, pode levar ao esgotamento. Isso porque as professoras estão expostas a riscos psicossociais que podem desequilibrá-las emocionalmente e frustrar suas expectativas, causando um esgotamento mental que pode impactar o seu desempenho pessoal e profissional (SANTOS, 2016).

De acordo com uma pesquisa elaborada pelo Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP), “dos 40% dos professores afastados por problemas de saúde, quatro tiveram algum tipo de transtorno psiquiátrico”. Dentre os diagnósticos mais comuns, estão a ansiedade e a depressão. “O problema é agravado, segundo os docentes, pelo excesso de trabalho e pela falta de respeito na sala de aula. Passar as tarefas, tirar dúvidas e ainda pôr ordem na sala. O desafio é diário e a saúde pode não resistir” (CAMARGO, 2012).

Conforme apontam Xavier e Chaves (2013), a sala de aula acaba sendo, muitas vezes, um ambiente oportuno para produzir as condições de exaustão tanto físicas quanto emocionais para as docentes, o que se torna um grande fator de risco para a produção da depressão como um fator desencadeador do adoecimento psíquico dessas docentes. Daí a necessidade de enfrentarmos o desafio de identificar os principais fatores que estão ocasionando essa depressão nas professoras do primeiro segmento do Ensino Fundamental, para que possamos buscar caminhos e possibilidades de combatê-la.

Possíveis impactos da depressão das professoras na aprendizagem dos alunos

Quando a professora adoecer, isso ressoa na sala de aula, na ação escolar, nas políticas públicas e no rendimento escolar dos alunos. Isso faz com que os alunos tenham uma professora “pela metade”, uma professora adoecida, que não pode nesse momento de sua vida “dar-se por inteiro”, dedicar-se a cada aluno do mesmo modo como faria se estivesse gozando de sua “plena saúde”. Sem qualquer juízo dessa professora, a ideia aqui é mostrar que, mesmo não tendo qualquer culpa desse processo, os alunos saem “penalizados” quando “recebem” essa professora “deprimida”. Por isso, é preciso cuidar para que, tanto essa professora seja assistida, quanto esses alunos também não fiquem com um aprendizado “pela metade”.

Recentemente, a revista norte-americana “Child Development” publicou um estudo feito pelas universidades da Flórida e do Arizona que mostra como o processo depressivo dos professores atrapalha o aprendizado dos alunos. Os pesquisadores analisaram 27 professores e seus 523 alunos da então 3ª série do ensino fundamental, usando gravações de vídeo em sala para avaliar a qualidade do ambiente da aula. Os alunos mais vulneráveis aos efeitos negativos da depressão de seus professores eram aqueles que já estavam com dificuldades em matemática, o que sugere que as crianças com necessidade de melhorar tinham menos probabilidade de fazê-lo quando estavam em salas de aula com docentes deprimidos. O estudo mostrou ainda que os estudantes com desempenho ruim tinham maior evolução quando ensinados por educadores sem transtornos psiquiátricos (NETO, 2015).

Como mostra a reportagem, no Brasil, a depressão também tem prejudicado muito o rendimento dos alunos nas escolas. Em pesquisa realizada na rede estadual do Rio de Janeiro (2014), constatou-se que 1.200 professores ficaram licenciados por depressão ou transtornos mentais. O número corresponde a 12,5% dos

9.680 mil docentes que tiraram licença médica no ano passado. O afastamento por motivos psiquiátricos é a segunda maior causa, perdendo apenas para os 33% por problemas ósseos e fraturas (NETO, 2015).

É isso o que também confirma a Revista Nova Escola (TEIXEIRA, 2018), quando traz em uma reportagem a seguinte chamada: “66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde”, sendo que 28% deles disseram que sofrem ou já sofreram de depressão. A repercussão disso vem de duas formas, segundo a autora da reportagem, Larissa Teixeira: primeiro, o desinteresse pela profissão por parte dos jovens, visto que observam a desvalorização da carreira dos professores e o acúmulo de problemas de saúde que muitos deles enfrentam; segundo, a repercussão na própria dinâmica da sala de aula, gerando um desinteresse pelo próprio conhecimento e uma precarização na formação dos jovens brasileiros.

De acordo com o relatório “Políticas Eficientes para Professores”, divulgado em junho deste ano pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apenas 2,4% dos jovens brasileiros de 15 anos querem ser professores. O absenteísmo, como mostra Hashizume (citado por TEIXEIRA, 2018), “prejudica a formação dos nossos jovens e resulta em uma educação aquém do que se espera em termos de qualidade”. Além disso, “o adoecimento do professor repercute nas políticas públicas e na carreira docente, fazendo com que o aluno perca na figura do professor a sua referência como profissional fundamental na mediação do conhecimento”.

METODOLOGIA

Este estudo objetiva, por meio da abordagem de pesquisa qualitativa e auxílio da pesquisa bibliográfica, realizar uma investigação do tipo exploratória, utilizando como instrumento de investigação a entrevista semiestruturada e como instrumento de análise a teoria da Análise

do Discurso.

Quanto aos meios, a pesquisa qualitativa se define a partir do uso de “questões muito particulares”, das diversas áreas ou campos científicos que buscam analisar em algum nível as realidades sociais, trabalhando com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2012, p. 21) disponibilizados pelos sujeitos investigados.

Segundo Costa (2009, p. 23), as informações que se constroem em uma pesquisa qualitativa são bastante diferentes daquelas produzidas em uma pesquisa quantitativa, uma vez que “consistem na escolha adequada de métodos ou teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores e respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de abordagens e métodos”.

Podemos considerar que esta é uma pesquisa exploratória, porque trata de “descrições precisas de uma dada situação – professoras que sofrem de depressão – e busca descobrir as relações existentes entre seus elementos e componentes” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 63-64). Esse tipo de pesquisa requer planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos do problema em questão (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 63-64). A pesquisa exploratória, na maior parte dos casos, proporciona uma maior familiaridade com o problema. Além disso, em geral, envolve “levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (SELLTIZ et al. citado por GIL, 2002, p. 41).

Para o desenvolvimento desses outros tipos de investigação, vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica não se restringe a documentos históricos ou jornalísticos, mas pode ser definida, segundo Matos (2015), como aqueles realizados a partir de documentos, contemporâneos ou não, considerada cientificamente autêntica, de fontes primárias ou secundárias, escritas ou não. O autor cita como exemplo justamente alguns dos

documentos que nos interessa aqui investigar: documentos oficiais, planos, programas, projetos, laudos, fotos, filmes, dentre outros.

A pesquisa bibliográfica, segundo Cervo et al. (2007, p. 60), concatenaria, neste caso, para uma busca fundamentada de “referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses”, o que, em certa medida, favoreceria o conhecimento do assunto investigado—neste caso, a depressão em docentes do Ensino Fundamental I – e, conseqüentemente, contribuiria para uma análise mais aprofundada dos dados produzidos pela pesquisa.

No caso da investigação aqui em questão, o foco foi a pesquisa de campo, que geralmente procura focalizar “uma comunidade de trabalho, de estudo, lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana” (GIL, 2002, p. 53), em que se propôs investigar um grupo específico de professoras que se encontram em processo de adoecimento psíquico, mais especificamente, sofrendo de depressão, e que também atuam no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Esta pesquisa se deu por meio de entrevistas com essas docentes para captar suas experiências, além da utilização da “análise de documentos” (laudos médicos, relatórios de afastamento da direção ou coordenação, planos ou planejamentos de ensino, relatórios pedagógicos dos/as alunos/as), que também é um outro recurso metodológico.

No trabalho aqui proposto, foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas nas escolas, as quais foram audiogravadas e transcritas para posterior análise. Na entrevista semiestruturada os pesquisados têm “maior liberdade para formular suas respostas” e o pesquisador não é “obrigado a obedecer a qualquer tipo de roteiro preestabelecido” (SANTOS, 2015), o que torna o roteiro de perguntas mais flexível e adaptável à conversa entre pesquisador e pesquisado, facilitando a interação entre ambos e também a produção dos dados. Além disso, o planejamento torna-se mais simples e consta das seguintes etapas: 1) Elaboração dos itens; 2) Seleção dos sujeitos; 3) Seleção das informações a serem investigadas; 4) Definição do cronograma de

execução; e 5) Análise dos dados ou informações.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso foram realizadas entrevistas com professoras do Ensino Fundamental I das escolas municipais de Ubá/MG, utilizando para isso a técnica de coleta de dados denominada “Bola de Neve”, que consiste em iniciar o contato com uma pessoa que tem o perfil desejado para a pesquisa (nesse caso, uma professora do Ensino Fundamental I que teve ou tem depressão) e, em seguida, essa pessoa indicará uma outra pessoa com esse mesmo perfil. A partir desse primeiro contato, a pesquisadora entra em contato com outras possíveis entrevistadas do convívio da primeira entrevistada e assim por diante. Segundo Vinuto (2014, p. 203),

a execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral (...) Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador.

As análises realizadas a partir dos dados produzidos nesta investigação foram produzidas a partir da teoria da Análise do Discurso. Como mostra Flick (2013, p. 158), existem diferentes versões desse tipo de análise, mas há algo comum entre elas, que é “o interesse em mostrar como, nas conversas, as versões dos participantes dos eventos”. Outra questão importante nessa abordagem de análise são os “repertórios interpretativos” e a “construção das versões dos eventos” pelo pesquisador a partir dos relatos e

apresentações feitas pelos sujeitos da pesquisa (FLICK, 2013).

As informações coletadas neste trabalho foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas, audiogravadas, apropriadamente autorizadas pelas professoras. Assim, este trabalho está comprometido com os valores éticos da pesquisa científica, e a identidade das participantes permanecerá em sigilo, sendo divulgadas apenas as informações de relevância acadêmica em trabalhos aprovados por critérios científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Quadro 1 abaixo apresenta os dados pessoais das três entrevistadas, contendo: nome, idade, há quanto tempo lecionam e em qual ano trabalharam ou trabalham no ensino fundamental I.

Quadro 1: Dados pessoais das professoras entrevistadas

Nome	Idade	Há quanto tempo leciona?	Em qual ano trabalha (ou) no ensino fundamental I?
A.P.P.	46	22 anos	Trabalho no 3º ano
M.A.R.C.	42	22 anos	Trabalhei no 3º ano hoje sou supervisora
C.P.M.	41	22 anos	Trabalhei no 3º ano hoje sou eventual

Fonte: dados da pesquisa, 2019.

Junto aos dados pessoais, foi feita a pergunta “Por que escolheu essa profissão?”. Ao analisar as 3 respostas, percebeu-se que a escolha dessa profissão se baseou no gostar de ensinar e ver a profissão de professor como importante. A entrevistada A.P.P. ressaltou sua infância e disse: “Desde pequena eu sempre quis ser professora, sempre foi meu sonho seguir essa carreira”. A entrevistada M.A.R.C. também mencionou sua infância e sua mãe como referência: “Desde pequena eu brincava de dar aula, de ser professora. Eu gostava muito, minha mãe é professora e eu sempre gostei. Achava que tinha jeito para ensinar alguma coisa, então, por isso, eu escolhi essa profissão”. Na entrevista

feita com a docente C.P.M., destaca-se o papel do professor na sociedade e o quão é importante: “Porque sempre achei importante o papel do professor na sociedade. Ao fazer o estágio, me apaixonei pela profissão, fiz Magistério e depois Pedagogia”. Com esses dados se confirma que a incidência da depressão não tem relação com a satisfação da profissão.

Nos dados referentes à pesquisa, foram feitas 10 questões abertas, entrevistas semiestruturadas audiogravadas, deixando-as à vontade para falarem o que achassem necessário.

Na primeira pergunta foi questionado sobre qual conhecimento elas tinham sobre a depressão. A entrevistada A.P.P. disse: “O que eu conheço a respeito da depressão é que ela é um mal que afeta várias pessoas, não importando sexo, idade, raça ou nível social”. A entrevistada M.A.R.C. reforça essa ideia dizendo: “O que eu conheço a respeito da depressão é que é uma doença séria, grave, que leva as pessoas a ficar triste, a não querer ter motivação para nada na vida”. Já a C.P.M. disse que ela a reconhece como “um transtorno mental que afeta muitas pessoas hoje em dia”. É uma doença que nos causa profunda tristeza e desinteresse por tudo aquilo que nos rodeia”.

A segunda pergunta relatava, segundo Candido e Souza (2016), que a depressão em docentes já é considerada um fenômeno global e tinha como intenção verificar como cada professora se via diante dela. A entrevistada M.A.R.C. disse que esse é um fator bem triste, pois sabe que a depressão em docentes é um fenômeno global: “Então, olha só, eu não vejo só a questão por ser em docentes, acho que é em qualquer área a depressão, né? Qualquer profissão que você esteja, a depressão deve ser considerada, como se fosse uma coisa anormal que está crescendo a cada dia; isso é muito triste”. “Agora, em relação aos docentes, eu vejo que pode tá virando uma bola de neve, isso porque uma pessoa adocece, um professor adocece, é por estar na escola, por estar dando aula, eu acho triste essa situação”.

A terceira pergunta queria saber se elas

achavam que o espaço escolar tem produzido sofrimento nos professores e o porquê disso. Conforme destaca Bastos (2009), as condições dos professores são, em geral, desfavoráveis e suas atividades estão sendo realizadas em ritmo excessivamente intenso, o que pode estar contribuindo para desencadear diversas situações de mal-estar docente”. Em relação a isso, A.P.P. disse “Quanto ao espaço escolar, ele também é um agravante nessa doença, né? Nós temos que cumprir uma carga horária, mas não podemos trabalhar em só um cargo, né? Devido à circunstância de planejamento da casa, de dinheiro, pagamentos, então nós temos que trabalhar, né? Dois horários”.

A quarta pergunta abordou a percepção das professoras quanto ao fato de, segundo Batista et al. (2013), a depressão já ser responsável por metade dos afastamentos de professoras, com incidência em docentes com mais de 40 anos de idade. A.P.P. disse: “Concordo que é responsável pelos afastamentos, mas a idade não tem nada a ver. Porque hoje a gente pode, não discordando do Batista, porque não é apenas acima de 40 anos que a depressão atinge os professores, né? Antes mesmo, a depressão hoje atualmente é muito visível em adolescentes também”. Já M.A.R.C. assim se manifestou: “Então, pensa bem, o professor com 40 anos, praticamente ele tem 20 de experiência em sala de aula. Então... já tem um conhecimento e, quando se depara com uma situação, com um ambiente que não está agradável, que não é um ambiente de respeito, não só dos colegas de trabalho, o ambiente que eu falo, todos os alunos, os pais de alunos, a comunidade escolar mesmo... Se não tiver favorável, produz uma desvalorização do trabalho professor”. Isto também causa uma falta de motivação e, se a pessoa já tiver uma pré-disposição, desencadeia a depressão.

A quinta pergunta referia-se à depressão, que, segundo Oliveira (2014), é um dos principais motivos de afastamento e adoecimento em docentes. O autor referia-se à perda da autoridade em sala de aula e ao fato de que os pais têm repassado para os professores sua

função de educar os filhos, ensinando valores e modos de vida, deixando assim as professoras com sobrecarga de funções. A.P.P. relata que já está acostumada com essa função: “Quem dera, né? Se todos os alunos fossem como antigamente... Infelizmente não são, mas essa questão da cobrança, nós estamos acostumadas, né? A ser cobradas mesmo”. Já a entrevistada M.A.R.C. concordou com Oliveira (2014) e disse: “Lógico que é! Tá claro que é! A família está sim empurrando a educação dos seus filhos pra escola. Então, quando eu disse da falta de respeito com o professor, que os alunos não estão tendo na sala de aula, essa falta de empatia dos pais de se colocar no lugar do professor, os próprios colegas de trabalho, também em alguma situação que aconteça. Os pais trabalhando muito, preocupados com seu bem-estar, deixando pra escola essa educação e sobrecarregando os professores e aí chega certa hora que o professor fica encurralado, dá educação ou ele não dá aula... e são coisas completamente diferentes, né?”.

A questão seis afirmava que, segundo Gontijo et al. (2013), o professor está sobrecarregado de funções escolares, com planejamento de aula, acompanhamento dos alunos, reuniões pedagógicas, preenchimento de planilhas, relatórios de acompanhamento, fichas individuais dos alunos, além de terem que realizar cursos de capacitação, extensão, o que produz um esgotamento físico e mental nesses docentes. Sobre isso, A.P.P. relatou: “É a sobrecarga, está aí, planejamento, acompanhamento dos alunos, ficha daqui, ficha dali, planilha, relatório, provas, né? Tudo para o professor corrigir, além de dar conta, ter que dar conta desse aluno vencer, senão você é culpado. A gente passa por isso constantemente, tá? Esgota o físico e esgota o mental também, a cobrança, e normalmente sem os elogios”.

A sétima questão dizia que, segundo Xavier e Chaves (2013), o professor está sobrecarregado de funções exaustivas, tanto físicas quanto emocionais, e que isso se tornaria um grande fator de risco para a produção da

depressão, que, para ele, é considerado um dos principais motivos de adoecimento psíquico desses docentes. A pergunta indagava a opinião das professoras sobre os fatores que estariam ocasionando esses altos índices de depressão em docentes. A.P.P. concordou que esse é um fator para desencadear a depressão: “Um grande fator de risco, para ter depressão, é a cobrança que nós temos hoje, cobrança do trabalho, cobrança na família, cobrança da sociedade (...); e essas cobranças, hoje, vêm ocasionando esses altos índices de depressão em docentes sim, porque acaba que você vai fazendo no automático tudo, não tem tempo pra nada, não tem tempo para você ir ao médico, não tem tempo pra você fazer uma atividade física e pra poder dar conta das cobranças que a sala de aula exige, que a profissão exige. Dentro da família exige, então isso ocasiona a depressão”.

A oitava pergunta partiu da afirmação de Nogueira (2016) de que uma docente adoecida ressoa na sala de aula, na ação escolar, nas políticas públicas e também no rendimento dos alunos, fazendo com que eles tenham uma professora “pela metade”, sem poder doar-se do mesmo modo como quando se estivesse bem, pois os alunos acabam sendo “penalizados” quando recebem uma professora “deprimida”. Foi perguntado a elas o que achavam a respeito disso. A entrevistada A.P.P. respondeu: “Realmente isso ocorre quando a gente só tem cobranças e não se tem elogio, não é só quando se está doente não, né? Quando a gente tem uma cobrança e não tem elogios, os alunos são penalizados entre aspas, porque a gente tem que dar a matéria, tem que render, tem que ter a nota. A pessoa que está deprimida não consegue trabalhar, mas, se estivesse trabalhando, os alunos com certeza seriam penalizados sim, porque teriam uma professora deprimida. Mas, ao mesmo tempo em que eu concordo com isso, é... Posso também relatar que os alunos também podem ajudar na depressão do professor, porque acaba tendo um aconchego, um carinho, das crianças, e isso também pode ajudar”.

A questão nove perguntava sobre qual

seria a opinião das docentes acerca do possível impacto da depressão em professoras na aprendizagem dos alunos. A docente A.P.P. relatou o contrário: “Impacto nenhum. A depressão não tem impacto nos alunos não, porque o professor que está começando a ficar doente, deprimido, o trabalho ajuda né, ele não vai piorar... o ambiente pode piorar, né? O estado de saúde do professor, a maneira como ele se cobra, pode piorar o estado da saúde do professor, agora é... Falar que o professor que está com depressão e que afeta a aprendizagem dos alunos... Não. O que afeta a aprendizagem dos alunos é: o professor faltar, as trocas de professores durante o ano, entrar de licença, substituição, aí não manda substituta, vai entra uma eventual para a sala, aí no outro dia entra outra (...) com isso, o aluno vai ficando com vários professores, passando dentro da sala de aula... Isso sim é que vai dificultar a aprendizagem deles, até eles adaptarem àquele método do professor, ele vai ser prejudicado”. Daí a necessidade urgente apontada por Paula e Jiménez (2018) de “prover apoio preventivo para o docente antes dele adoecer, pois o professor com saúde trará saúde pedagógica pra todos os alunos e para toda a comunidade”.

Já a professora M.A.R.C. disse: “Uma professora com depressão vai causar impacto não só na aprendizagem dos alunos, mas também até na parte emocional. Se ela tá com depressão, ela não está tendo condição muitas vezes de se alimentar direito, né? Ela não dorme direito, quanto mais fazer um planejamento do jeito que deveria ser, né? As atividades de intervenção... A gente sempre tem alunos que precisam de um atendimento especial, então o impacto é muito grande. Seria muito grande o impacto de uma professora ficar com depressão, insistir em dar aula, né? Porque com certeza seus alunos vão sofrer esse impacto de maneira negativa... Não tem outro jeito, se a professora está com depressão, ela tem que se afastar, pois os alunos serão prejudicados”.

A última pergunta quis saber como a depressão interferiu ou interfere na prática docente delas e como a depressão impactou

a relação com seus alunos e como ficou a aprendizagem deles. A entrevistada A.P.P. relata que não houve impacto: “Não teve... esteve tranquila, ótima, cada vez melhor. Nunca tive problema quanto a isso. Ano passado, a mesma coisa, até fortificou mais, porque os alunos, eles percebem e aí passam a ter mais carinho ainda por nós. Agora, quanto ao rendimento é o que eu disse: não vai prejudicar, a depressão do professor não prejudica no rendimento e sim a falta do professor regente, do professor deles do início ao fim do ano. Isso, sim, pode prejudicar, afetar o rendimento deles”. A professora M.A.R.C. disse: “A depressão, quando eu tive, causou um impacto muito ruim porque eu não estava conseguindo nem conversar com os alunos. O planejamento eu estava simplesmente seguindo, eu não estava buscando atividades diferenciadas... eu tinha alunos que precisavam de atendimento individualizado e não estavam tendo. Eu cheguei ao ponto de não elaborar mais plano de aula”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como intuito entender os principais motivos de as docentes do Ensino Fundamental I de Ubá-MG desenvolverem a depressão no ambiente escolar, bem como perceber os principais impactos da depressão na prática das docentes acometidas por essa doença, assim como os reflexos disso na aprendizagem dos alunos envolvidos com essas professoras.

Ao realizar as entrevistas com as docentes, verificou-se que elas foram sinceras e confiaram suas respostas à pesquisadora, pois não é fácil retomar seus pensamentos em relação a um período que foi doloroso para elas – duas delas ainda estão em tratamento da depressão que as acometeu. Ser docente hoje, no século XXI, não é fácil. Muitas crianças querem mandar e desobedecer aos professores. Logo, essas profissionais anseiam por ensinar, para fazer cidadãos melhores, mas nem sempre cumprem essa função.

A questão que norteou essa pesquisa foi:

quais os principais fatores desencadeadores da depressão em professoras do Ensino Fundamental I e de que maneira ela influencia nas relações de ensino aprendizagem? O resultado da pesquisa realizada evidenciou que as docentes estão sobrecarregadas de afazeres na escola (não é só dar a aula); muitos alunos não respeitam essas profissionais como elas merecem; e os documentos e planilhas a fazer sobrecarregam a vida pessoal e social das professoras. O estado dessas docentes influencia ainda no modo como o ensino é ministrado, pois, com a saúde psíquica conturbada, não haveria vontade de fazer seu planejamento e, muito menos, o desejo de ir ao seu ambiente de trabalho, tendo que pegar licença e outra professora assumir seu cargo, fazendo com que a aprendizagem de seus alunos ficasse “pela metade”, pois teriam que se acostumar com o novo modo de ensinar da outra docente, além de sentirem a falta da sua professora regente.

Concluiu-se que os principais motivos de as docentes desenvolverem a depressão no ambiente escolar são a não valorização, as cobranças excessivas, a falta de estrutura familiar, a sobrecarga de funções, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele, e o ambiente exaustivo da sala de aula, juntamente com fatores físicos e psíquicos. Percebeu-se que a docente adoecida não consegue se doar completamente, fazendo seus alunos ficarem tristes com essa situação, querendo até ajudar. Notou-se também que a troca constante de professoras afeta o emocional e a aprendizagem dos alunos, deixando-os conturbados e impactados por essa situação. Observou-se também que, por vezes, essas relações eram fortificadas ao entenderem o que a professora estava passando.

Não é pretensão deste trabalho esgotar o tema, portanto deixa-se aqui o espaço para outros pesquisadores darem continuidade ao desenvolvimento dessa temática.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no Ensino Fundamental de Betim/MG. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte, 2009.

BATISTA, Jaqueline Brito Vidal; CARLOTTO, Mary Sandra; MOREIRA, Antônio Marcos. Depressão como causa de afastamento do trabalho: um estudo com professores do ensino fundamental, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11551>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CAMARGO, Ariolvaldo. Na mídia: 40% dos professores afastados por saúde tem depressão. 2012. Disponível em: <http://www.sismmac.org.br/noticias/13/saude/3814/na-midia-40-dos-professores-afastados-por-saude-tem-depressao>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CÂNDIDO, Jéssica; SOUZA, Lindinalva Rocha de. Síndrome de Burnout: as novas formas de trabalho que adoecem, 2016. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1054.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CERVO, Amado Luís; BERVIAN, Pedro Alcino. Silva, Roberto da. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Pearson Education, 2007.

DWORAK, Ana Paula; CAMARGO, Bruna Caroline. Mal-estar docente: um olhar dos professores. Educere, UEPG, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24871_12773.pdf. Acesso em: 01 nov. 2019.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo. Editora Atlas, 2002.

GUARDABASSI, Andréa. Até 2020, depressão será doença mais incapacitante do mundo. Jornal Destak, 2018. Disponível em: <https://www.destakjornal.com.br/saude/detalhe/ate-2020-depressao-sera-doenca-mais-incapacitante-do-mundo>. Acesso em: 18 abr. 2019.

GASPARINE, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, maio/ago., 2005, p. 189-199.

GONTIJO, Érica Eugênio Lourenço; SILVA Marcos Gontijo da; INOCENTE, Nancy Julieta. Depressão na docência - revisão de literatura, 2013. Disponível em: <http://www.fug.edu.br/2018/revista/index.php/VitaetSanitas/article/viewFile/43/35>.

Acesso em: 19 abr. 2019.

PAULA, Luiz Henrique de; JIMÉNEZ, Luis Ortiz. A influência da depressão dos docentes em sua prática pedagógica no Ensino Fundamental de duas escolas Municipais da cidade de Santos – São Paulo. Revista Científica de Iniciación a la Investigación. Universidad Autónoma de Asunción, Paraguay, v. 3, n. 2, 2018.

LIMA, Érika Joely Casaes de Jesus; LEITE, Erivete Antunes. Docência e a depressão: fatores predominantes no processo. Educere, XIII Congresso Nacional de Educação, 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24512_12130.pdf. Acesso em: 17 fev. 2019.

MATOS, Júlia Silveira. Análise documental, 2015. Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/123456789/1739/1/An%C3%A1lise_documental.pdf. Acesso em: 06 maio 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

NETO, Lauro. Depressão tira 1.210 professores de sala de aula da rede estadual do Rio: afastamento por motivos psiquiátricos foi a segunda maior causa. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/depressao-tira-1210-professores-de-sala-da-rede-estadual-do-rio-15469366>. Acesso em: 22 abr. 2019.

OLIVEIRA, Adalberto Henrique da Cunha. Agressões e violências contra professores nas escolas públicas. João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9788/1/PDF%20-%20Adalberto%20Henrique%20da%20Cunha%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

OMS, Organização Mundial da Saúde. Folha informativa – depressão, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095. Acesso em: 09 mar. 2019.

ONU. Depressão afeta mais de 300 milhões de pessoas e é doença que mais incapacita pacientes, 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/depressao-afeta-mais-de-300-milhoes-de-pessoas-e-e-doenca-que-mais-incapacita-pacientes-diz-oms/>. Acesso em: 18 abr. 2019.

OPAS BRASIL. Folha informativa-Depressão, 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=1095. Acesso em: 18 abr. 2019.

SANTOS, Charlisa Corrêa dos. Produção de adoecimentos de professores: algumas considerações, 2016. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1310/1/SANTOS.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.

SANTOS, Izequias Estevam dos. Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica. 11. ed. Niterói/RJ: Impetus, 2015.

SCANDOLARA, Thalita Basso; WIETZIKOSKI, Evellyn Claudia;

GERBASI, Adalberto Ramon V.; SATO, Samantha Wietzikoski. Avaliação dos níveis de estresse e depressão em professores da rede pública do município de Francisco Beltrão – PR. Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama, v. 19, n. 1, p, 31-38. 2015.

SOUZA, Thaís Rabanea; LACERDA, Acioly Luís Tavares. Depressão ao longo da história. Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap0172.pdf. Acesso em: 18 abr. 2019.

TEIXEIRA, Larissa. 66% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde. Revista Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-ja-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>. Acesso em: 19 abr. 2019.

TOSTES, Maiza Vaz; ALBUQUERQUE, Guilherme Souza Cavalcanti de; SILVA, Marcelo José de Souza; PETTERLE, Ricardo Rasmussen. Sofrimento mental de professores do ensino público. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, p. 87-99, jan./mar. 2018.

VASCONCELOS, Mariana Barcelos. O adoecimento do profissional docente. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Faculdade do Pará de Minas – FAPAM. Pará de Minas, 2014.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. UNICAMP, 2014. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144>. Acesso em: 06 maio 2019.

XAVIER, Jania Mara; CHAVES, Maricelma Almeida. O estresse no processo educativo. Revista Saberes da UNIJIPA, 2013. Disponível em: <https://unijipa.edu.br/wp-content/uploads/Revista%20Saberes/ed4/16.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.